



Villas e Casas de Catálogo no sítio do Primeiro Loteamento de Pelotas-RS: relações entre tipologia arquitetônica e morfologia urbana

Valentina de Farias Betemps da Silva^a , Aline Montagna da Silveira^b
e Franciele Fraga Pereira^c

^a Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Núcleo de Estudos de Arquitetura Brasileira, Pelotas, RS, Brasil. E-mail: betempsvalentina@gmail.com

^b Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Núcleo de Estudos de Arquitetura Brasileira, Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Pelotas, RS, Brasil. E-mail: alinemontagna@yahoo.com.br

^c Universidade Federal de Pelotas, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Núcleo de Estudos de Arquitetura Brasileira, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Pelotas, RS; IFSUL Campus Avançado Jaguarão, Jaguarão, RS, Brasil.
E-mail: franfragap@gmail.com

Submetido em 16 de novembro de 2020. Aceito em 05 de fevereiro de 2021.
<https://doi.org/10.47235/rmu.v9i1.181>

Resumo. A chegada do século XX trouxe significativos avanços de infraestrutura urbana, que repercutiram nas maneiras de habitar a cidade e consequentemente as residências. As exigências salutaras do novo século impulsionaram a conformação de uma nova tipologia arquitetônica, as villas e casas de catálogo. Essas residências, caracterizadas pela sua premente ventilação e iluminação naturais buscam, por sua natureza, a característica de grandes lotes para suas implantações. Este artigo analisa como esse novo tipo edilício se implantou na região mais antiga da cidade de Pelotas-RS, o sítio do Primeiro Loteamento, que possui a característica de lotes estreitos e compridos. A investigação proposta pretende compreender como essa arquitetura se inseriu na malha urbana mais antiga da cidade, estabelecendo relações entre a tipologia arquitetônica e a morfologia urbana. A análise dos resultados foi realizada a partir dos dados coletados através de um inventário de varredura, que permitiu entender as principais características do sítio e das edificações estudadas.

Palavras-chave. morfologia urbana, tipologia arquitetônica, villas, casas de catálogo, Pelotas/RS.

Introdução

Situada na região Sul do estado do Rio Grande do Sul (Figura 1), a cidade de Pelotas se consolidou há pouco mais de 200 anos. O município conta com significativo acervo de edificações reconhecidas como patrimônio cultural, no âmbito municipal, estadual e federal. O período áureo do desenvolvimento econômico (e consequentemente arquitetônico) da cidade é representado pelo

apogeu do ciclo charqueador, no final do século XIX (Magalhães, 1993).

Nas primeiras décadas do século XX foram construídas edificações que representavam uma tipologia arquitetônica diferenciada das propostas anteriores. As villas e casas de catálogo, últimas remanescentes do período eclético, eram edificações residenciais que se localizavam principalmente nas proximidades dos limites urbanos, devido à

peculiaridade de sua implantação isolada no lote, em meio a recuos frontais e laterais.

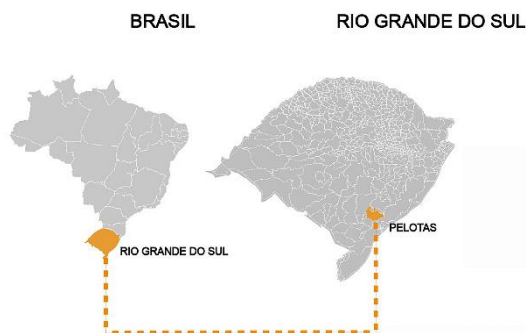


Figura 1. Esquema do contexto de localização (fonte: elaborado pelas autoras).

A experiência adquirida pela equipe do Núcleo de Estudos de Arquitetura Brasileira (NEAB), situado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas (FAUrb/UFPel), que ao longo dos últimos trinta anos estudou os centros urbanos historicizados de cerca de quatorze cidades da região geoeeducacional da UFPel, motivou essa investigação (Jantzen et al., 2010; Oliveira et al., 2013; Alves et al., 2014). Neste momento, o interesse da equipe volta-se para a compreensão das relações entre morfologia e tipologia, aplicadas a um recorte específico, as *villas* e casas de catálogo.

Este ensaio propõe uma reflexão sobre essa arquitetura do início do século XX e sua inserção na cidade de Pelotas-RS, em especial sua implantação no sítio do Primeiro Loteamento da cidade (Figura 2), localizado na Área de Especial Interesse do Ambiente Cultural (AEIAC), Zona de Preservação do Patrimônio Cultural (ZPPC) (PELOTAS, 2008). A temática apresentada pretende contribuir para o entendimento da produção arquitetônica desse período, a partir da relação entre tipologia edilícia e morfologia urbana.

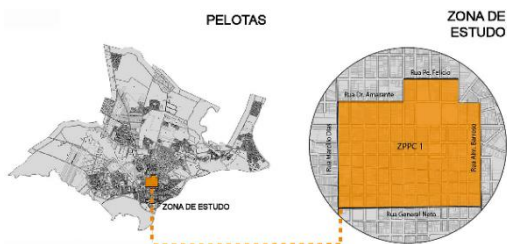


Figura 2. Esquema de localização da área de estudo (fonte: elaborado pelas autoras).

Segundo Lamas existe uma relação dialética nesse contexto, em que “a forma urbana é resultado, produto, e simultaneamente geradora da tipologia edificada” (Lamas, 1992, p.86). O estudo de Costa e Gimmler Netto (2015) também aborda essa relação de interdependência entre a morfologia urbana e o tipo edilício.

Dessa forma, o principal questionamento que motivou este estudo foi a busca por compreender de que maneira essa tipologia, que se encontrava em um período de transição, foi implantada no loteamento mais antigo da cidade de Pelotas. Esta investigação parte do pressuposto de que as principais características do sítio e do tipo edifício são conflitantes, já que essa tipologia tradicionalmente se insere em meio a grandes jardins, e os lotes desse tecido urbano são conhecidos pela característica de serem estreitos e compridos. Nessa perspectiva, as inquietações se voltaram para entender o quanto o tipo contribuiu para alterações na forma urbana, e o quanto a forma urbana existente condicionou essa arquitetura.

O método de trabalho consistiu na revisão bibliográfica, que se debruçou sobre temáticas como tipologia arquitetônica, morfologia urbana e ecletismo. O referencial teórico contemplou a leitura de autores como Lamas (1992), Costa e Gimmler Netto (2015), com o intuito de embasar a discussão sobre morfologia urbana. As leituras de Aragão (2006, 2008), Schlee (1993), Moura e Schlee (1998) foram voltadas para a compreensão de tipologias arquitetônicas e das transformações da arquitetura do período. As investigações de Yunes (1999) e de Oliveira (2011) subsidiaram a compreensão do traçado das cidades do Sul do Rio Grande do Sul. O estudo de Jantzen et al. (2010) foi o suporte para o entendimento das tipologias arquitetônicas recorrentes nessa região.

Nessa perspectiva, o presente artigo propõe uma caracterização morfológica da área de estudo (sítio do Primeiro Loteamento), uma discussão sobre as tipologias arquitetônicas das primeiras décadas do século XX (*villas* e casas de catálogo) e um debate sobre as relações morfo-tipológicas que se estabeleceram entre a cidade e arquitetura. Os resultados buscaram compreender a inserção dessas edificações na área estudada, apontando inquietações para o desenvolvimento de outros estudos sobre o tema.

Caracterização da área de estudo

A área de estudo deste trabalho foi determinada a partir de uma leitura morfológica da cidade de Pelotas-RS. O sítio do Primeiro Loteamento foi a primeira área de ocupação urbana da cidade. Os terrenos, pertencentes ao loteamento da charqueada de José Gonçalves da Silveira Calheca, foram parcelados nas primeiras décadas do século XIX, para implantação do núcleo urbano (Gutierrez, 2001). Pelotas foi classificada por Yunes (1995) como uma cidade de capela, que são aquelas:

originadas do parcelamento de terreno em área de sesmaria, por iniciativa de particulares, os proprietários de terras doam área para o estabelecimento de uma capela, podendo assim regimentar lotes para venda e gerar ou impulsionar a formação de núcleos iniciais das povoações (Yunes, 1995, p.52).

Essa primeira ocupação urbana ocorreu em um platô, uma região alta entre os arroios Pepino (ao leste) e Santa Bárbara (ao oeste) e o canal São Gonçalo (ao sul). A primeira planta, da então freguesia de São Francisco de Paula, foi elaborada por Maurício Inácio da Silveira, em 1815 (Figura 3). Oliveira (2012) comenta que o autor da planta era um piloto de sesmarias que buscou, no desenho proposto para a freguesia, uma regularização do traçado.

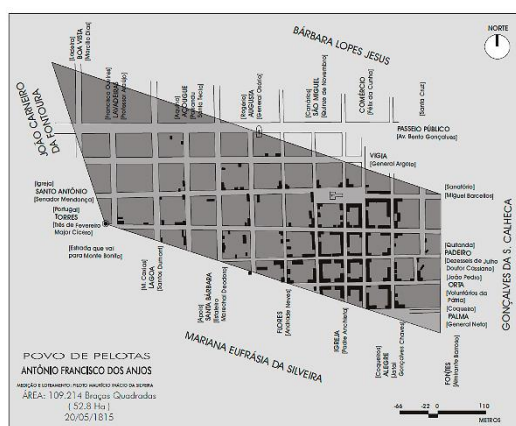


Figura 3. Planta da freguesia de São Francisco de Paula (fonte: Gutierrez, 2001, p.167).

O Primeiro Loteamento era delimitado ao norte pelo Passeio Público (atual Avenida Bento Gonçalves), ao leste pela Rua das Fontes (atual Almirante Barroso), ao oeste pela Rua da Boa Vista (atual Marcílio Dias) e

ao sul pela Rua da Palma (atual General Neto). Neste trabalho, considerou-se a área de estudo definida pela AEIAC/ZPPC (Pelotas, 2008), que incorpora ao perímetro original, na área do Primeiro Loteamento, os quarteirões que contornam a Avenida Bento Gonçalves e o Parque Dom Antônio Zattera, no limite norte do recorte espacial (Figura 4). Esses quarteirões, ao norte da Avenida Bento Gonçalves, possuem diferenças nas dimensões dos lotes e quarteirões em relação àqueles encontrados no Sítio do Primeiro Loteamento, devido a sua ocupação em período posterior.

As ruas traçadas no sentido norte-sul eram denominadas ruas principais e aquelas implantadas no sentido leste-oeste eram chamadas de secundárias (Figura 4) ou travessas (Cruz, 1992). Essas travessas possuíam caimento para condução das águas pluviais na direção leste (em direção ao Arroio Pepino) e oeste (conduzidas para o Arroio Santa Bárbara). A exceção dessa conformação ocorre na Avenida Bento Gonçalves. Essa avenida, que delimita ao norte o Sítio do Primeiro Loteamento, é uma via principal traçada no sentido leste-oeste. Na planta de 1815 era identificada como Passeio Público. Até os dias atuais conserva sua largura avantajada, em uma conformação de duas pistas com canteiro central arborizado.

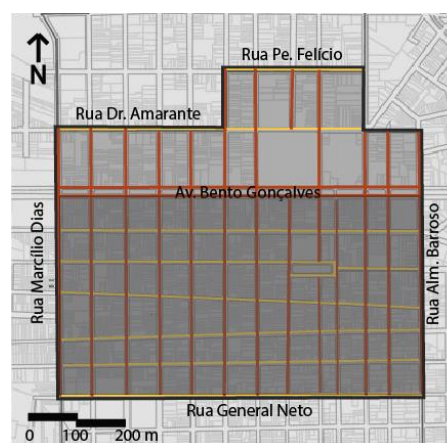


Figura 4. Mapa com indicação de ruas principais (em laranja) e secundárias (em amarelo) na zona de estudo. O Sítio do Primeiro Loteamento encontra-se demarcado em cinza escuro e a área incorporada pela AEIAC/ZPPC em cinza claro. O limite entre as duas áreas é o antigo Passeio Público (fonte: elaborado pelas autoras com base nos parâmetros estabelecidos em Oliveira, 2012, p. 323).

O traçado reticulado e regular foi alterado em frente ao largo onde implantou-se a primeira capela da povoação, em homenagem a São Francisco de Paula. O viajante Augusto de Pinho, ao percorrer o sul da província na segunda metade do século XIX, já relatava a expansão da cidade rumo ao sul, ao descrever que:

o arruamento de Pelotas é talvez o mais bem traçado que possui o Império do Brasil, e bem poucas cidades da Europa o terão tão perfeito e regular. Dezoito ruas de boa largura e quatro praças muito bem alinhadas são o que por enquanto formam o que se pode chamar de cidade (Pinho, 1869, *apud* Magalhães, 2000, p.150).

Na ocupação inicial o destaque era a edificação da capela primitiva que, segundo Rossi (1999), configura-se como um fato urbano. No terreno aos fundos da capela localizava-se o antigo cemitério (Aires, 2018), elemento também importante na composição urbana desse período.

A leitura morfológica desse trecho da cidade foi realizada a partir da análise da planta urbana e do referencial teórico proposto por Lamas (1992) e por Costa e Gimmler Netto (2015). As características determinantes desse sítio são compreendidas por Lamas (1992) como componentes da dimensão espacial na morfologia urbana, mais especificamente a escala do bairro. Essa escala compreende as partes homogêneas identificáveis da cidade, como no caso do trecho urbano aqui estudado. Lamas (1992) especifica que a escala do bairro é formada pelo conjunto de quarteirões com características comuns. Esses, por sua vez, são formados pelos elementos morfológicos do espaço urbano.

Os elementos morfológicos apontados por Lamas (1992) que permitiram uma compreensão da área de estudo foram o solo, o edifício, o lote, o quarteirão, a fachada, o traçado da rua, a praça e a vegetação. Esses elementos constituíram as categorias de análise da morfologia urbana da área de estudo - Sítio do Primeiro Loteamento.

Segundo Lamas (1992) o solo e sua topografia desenham as cidades e, a partir deles, já é possível identificar elementos morfológicos urbanos. No caso de Pelotas, o terreno plano possibilitou a implantação de

uma malha regular e retilínea. O pavimento e os revestimentos também são expressivos na leitura da paisagem urbana sendo, porém, os elementos mais suscetíveis às alterações. Nessa região ainda é possível identificar alguns pavimentos do século XIX: os leitos das ruas calçadas com pedra de granito, regular ou irregular, os meios-fios executados no mesmo material e as calçadas, em grande parte, revestidas com tapetes de ladrilhos hidráulicos.

Os edifícios possuem um papel importante no conceito do autor, o qual considera que são eles que dão forma à cidade e aos outros elementos desse espaço, como por exemplo a rua e a praça. As características desse elemento (o edifício) são construtoras da paisagem da cidade e, conseqüentemente, determinantes da forma urbana.

Também para Costa e Gimmler Netto (2015), a interpretação do ambiente construído começa na análise da escala do edifício, que podem ser classificados em “tipos edifícios especializados” (que têm uma função diferenciada) ou “tipos edifícios básicos” (representados pelas residências multifamiliares e unifamiliares).

Outro conceito abordado por Lamas (1992) é a definição de lote. O lote é o resultado do parcelamento dos quarteirões (elemento mínimo), fundamental na concepção da separação entre espaço público e privado. É também um elemento condicionante da edificação e, por consequência, da cidade. Os lotes do sítio do Primeiro Loteamento da cidade de Pelotas tiveram seu parcelamento original regular, a partir da divisão de quarteirões homogêneos.

A unidade morfológica do quarteirão, que agrega e organiza a malha urbana (Lamas, 1992), é um elemento que possibilita uma leitura nítida do sítio de estudo. A retícula regular projetada nos primeiros anos da freguesia, e que hoje configura o centro da cidade, ainda conserva muitas das características do traçado original que é identificado inclusive pela própria população com essa atribuição.

No limiar entre o espaço público e o privado encontra-se o elemento que proporciona a identificação do edifício: a fachada. Ela é divisão e também comunicação entre o exterior e interior, e por trás dela o programa da edificação se desenrola de diversas formas. No caso do Primeiro Loteamento,

muitas vezes, as fachadas dos prédios são também o limite do lote, característica do contexto urbano e construtivo no qual o sítio surgiu. A conformação de edificações implantadas no alinhamento predial é marcante nessa configuração urbana. Essa característica é inclusive reforçada pela legislação municipal de preservação do patrimônio cultural, que incentiva a manutenção dessa implantação no local (Pelotas, 2008).

O traçado é um dos elementos morfológicos mais resistentes à alterações, sendo comum sua persistência com o passar do tempo. É ele que delimita as escalas e níveis, as direções de expansão e é o orientador dos transeuntes. No sítio de estudo esse elemento se manteve pouco alterado, preservando não só a conformação regular do traçado, mas também a largura das ruas.

A praça é um elemento importante na zona de estudo, pois é o elemento morfológico central do primeiro plano urbano da localidade, a partir do qual se organizam e distribuem as demais ruas e quarteirões. Conhecida popularmente como Praça da Catedral, a Praça José Bonifácio (antiga Praça da Matriz) foi elemento fundamental na elaboração do Primeiro Loteamento.

Em torno da capela primitiva, que posteriormente foi elevada à catedral, formou-se o contexto da primeira malha urbana da cidade. Esse edifício-monumento é um elemento marcante da ambiência do sítio. O interesse desse edifício para o estudo ocorre pela sua importância como polo estruturante do traçado da zona estudada. Já para Rossi (1999), esse elemento pode ser interpretado como um fato urbano, uma edificação/monumento que evoca a memória coletiva e toma forma como a “alma da cidade” (Rossi, 1999, p. 17). Nos entendimentos da Escola Italiana de Morfologia Urbana, esse elemento é interpretado como um tipo edilício especializado, pois além de sua função específica, é um marco da paisagem urbana, que contrasta com o tipo básico, que são os edifícios residenciais (Costa e Gimmler Netto, 2015).

A vegetação é um elemento morfológico importante que, no entanto, se destaca pela sua escassez na área de estudo. Apesar do caráter da vegetação como componente de sentido organizador e estético da paisagem, a

ZPPC 1 é, até os dias de hoje, uma área com pouca ocorrência de vegetação nas vias públicas. As ruas e calçadas estreitas dificultam a inserção das massas vegetais. No entanto, essa característica faz com que se destaquem a Praça José Bonifácio, o Parque Dom Antônio Zattera e a Avenida Bento Gonçalves, as quais ainda hoje conservam sua vegetação. A Rua General Osório, que se sobressai pelo seu gabarito, foi uma avenida com canteiro central arborizado, que perdeu essa característica em prol de melhoramentos viários.

Os elementos morfológicos descritos por Lamas (1992) auxiliam a leitura da conformação da área de estudo. Atualmente, o sítio do Primeiro Loteamento abriga uma série de edificações de diferentes temporalidades. Apesar da preservação de muitas das características morfológicas iniciais, é possível caminhar pela localidade e encontrar edificações de pequeno e grande portes e de temporalidades distintas. Essa particularidade reforça um dos conceitos da Escola Inglesa de Morfologia Urbana, que M. R. G. Conzen denomina de palimpsesto. As autoras destacam que para Conzen “quanto maior for o número das camadas envolvidas maior será a quantidade de períodos sucessivos que inscreveram suas formas na paisagem urbana, como um palimpsesto” (Costa e Gimmler Netto, 2015, p.65).

A investigação proposta busca compreender como esse sítio fortemente historicizado recebeu a tipologia de edificações das *villas* e casas de catálogo, sobre as quais as análises deste estudo se debruçaram.

Caracterização da tipologia: as *villas* e casas de catálogo

As transformações urbanísticas e as instalações de redes de infraestrutura urbana que ocorreram na virada do século XIX para o século XX mudaram a forma de construir e habitar. O período marcado pelos grandes planos urbanos higienistas e pelo sanitarismo nas grandes capitais repercutiu em Pelotas, período em que a cidade também passou por essas transformações (Soares, 2000).

A rua, que no Brasil daquela época era mero resultado das edificações nela alinhadas e de seus usos, passou a ganhar relevância nesse processo de “reuropeização” (Freyre, 2003), e não só as praças eram foco de qualificação, mas a própria rua passou a ser pavimentada e

iluminada. Uma nova forma de viver o espaço urbano estava se instaurando, e com ela um novo modo de pensar a edificação.

As mudanças no âmbito residencial ocorreram quando essas transformações do urbano chegaram ao lote: a urbanidade transpôs o limite do público-privado e mudou a vida doméstica. O pensamento sanitizador trouxe a busca pela iluminação e aeração natural das residências, que se tornou cada vez mais presente. Essas modificações ocorreram não só pela ressonância de intervenções sanitárias decorrentes das epidemias, que assolavam os centros urbanos (Soares, 2001), mas também pelo caráter estético idealizado das *villas* europeias e das casas de campo e veraneio Brasil afora.

A casa no alinhamento predial, com pouca luz e ventilação naturais, já não condizia mais com a cidade que se modernizava. A moradia nesse momento buscava os ares salubres e românticos dos jardins, que deixaram de ser apenas o jardim-horta-pomar da casa brasileira do século XIX, descrita por Aragão (2008) e viraram um adereço da casa, como explica a autora:

No interior do lote, para que os dormitórios recebessem iluminação e fossem melhor ventilados, estabeleceu-se o recuo de um ou de ambos os lados da construção; para garantir maior privacidade aos moradores, a casa afastou-se da rua, por meio do estabelecimento do recuo frontal – ideal para a implantação do jardim em frente à residência como elemento de valorização da arquitetura. A passagem do jardim dos fundos para o jardim lateral ou frontal levou também a alterações na concepção desse espaço livre, que deixou de estar misturado às hortas e pomares, tornando-se fundamentalmente ornamental (Aragão, 2008, p.2).

Essas transformações nas mais diversas escalas, que repercutiram em modificações no ambiente urbano e domiciliar, levaram ao surgimento de uma nova tipologia edilícia nas cidades. O estudo dos tipos edifícios é prática recorrente nas pesquisas em Arquitetura e Urbanismo no Brasil. A primeira menção ao termo, no sentido o qual conhecemos atualmente, é atribuída ao teórico Quatremère de Quincy (Pereira, 2008).

A definição de tipo edilício foi expressa formalmente pela primeira vez no início do século XIX por Quincy com a publicação do terceiro volume de *Encyclopédie Méthodique - Architecture* (Pereira, 2008). O autor faz uma vasta reflexão sobre a simbologia e os significados do termo. Em suma, o tipo é um elemento fundamental que imprime o caráter distintivo aos edifícios (Pereira, 2008).

Ainda para Oliveira e Seibt (2005), o critério das características tipológicas é definido pelos tipos construídos, as quais, por sua vez são condicionados pelas características do lote, da função, das técnicas, dos materiais empregados, do clima, da topografia, da situação, da distribuição do programa de necessidades na planta baixa, pelas normas construtivas e condições financeiras do proprietário.

Costa e Gimmler Netto (2015) indicam que Muratori aponta a existência de uma maneira de edificar, concebida pela sociedade através de sua herança cultural e intrínseca ao seu saber. Esse conceito de "tipo", desenvolvido pela Escola Italiana de Morfologia Urbana, interpreta o modelo de edificações produzidas em determinado tempo e em determinado local, como um modo de construir que é manifestado às pessoas através da "consciência espontânea".

Ainda para Muratori, a construção de edificações que representam o "tipo", podem ser explicadas por meio de uma analogia com o próprio ser humano (Costa e Gimmler Netto, 2015). Nesse sentido, é possível interpretar esse processo com a analogia de que a edificação faz parte do indivíduo, de forma que as transformações do tipo ao longo do tempo são correspondentes a mutações biológicas.

Os estudos de Jantzen et al. (2010), fundamentados no legado de Muratori, debruçaram-se sobre as tipologias recorrentes no Sul do Rio Grande do Sul. Essas investigações apontaram que os tipos edifícios mais encontrados foram as casas de porta e janela, corredor lateral e corredor central, em linguagens luso-brasileira, eclética e proto-moderna, que formam a maioria do tecido (ou arquitetura de acompanhamento) das cidades estudadas. Nos estudos que antecederam este trabalho, foram identificadas algumas *villas* e casas de catálogo, que motivaram a pesquisa sobre esse recorte tipológico ainda pouco estudado.

As primeiras *villas* implantaram-se no Sudeste do Brasil no último quartel do século XIX, após a Abolição da Escravatura, em 1888 e no contexto da chegada de imigrantes europeus como força de trabalho assalariado (Reis Filho, 2000). Tal tendência se consolidou, de forma paulatina, após a Proclamação da República, em 1889 (Schettino, 2012). Segundo Homem (1994), loteamentos paulistanos foram construídos na década de 1890 inspirados nos *boulevards* dos arredores de Paris, os quais acomodaram esse tipo de residências:

As avenidas Paulista (1892), Higienópolis, Angélica, e as ruas Maranhão e São Luís (1898) contaram, em geral, com algumas de suas características: amplos traçados (com mais de 30 metros de largura), lotes grandes tipo chácaras, passeios largos e arborizados, pista para cavaleiros, água, luz, esgotos e bondes à tração animal. A maioria situava-se em locais aprazíveis, perto de abundante vegetação, de onde, por se tratar de terras mais altas, se podia desfrutar de belos panoramas. [...] Com o tempo, tornaram-se áreas exclusivas de palacetes, graças a uma legislação específica (Homem, 1994, p.3).

Essa casa semi-urbana trazia então as vantagens do isolamento do campo, mas com a estrutura dos equipamentos urbanos. Com o tempo, o modelo dos recuos frontais e laterais foi se expandindo, e em 1934 a legislação municipal de São Paulo tornou-os aplicáveis a toda a cidade (Homem, 1994). Assim, esse tipo edilício não ficou restrito apenas às margens da cidade, mas pôde ser replicado também na malha urbana consolidada. O mesmo movimento foi observado por Schettino (2012) em seu estudo no Rio de Janeiro, com destaque para o bairro de Botafogo.

Em Pelotas, os primeiros exemplares foram construídos no início do século XX (Figura 5). Até o momento já foi identificado um número significativo de construções edificadas na década de 1920 na cidade de Pelotas (Pereira, 2020). Para Schlee (1993), esse era o novo modelo residencial das grandes e/ou ascendentes famílias burguesas locais. De acordo com o autor, a nova moradia da classe abastada era conhecida

como *villa*, e tinha características bem definidas:

As *VILLAS* eram construções, preferencialmente, de dois pavimentos, edificadas em meio a um jardim à inglesa, construídas tradicionalmente na periferia do núcleo central da cidade (ao longo da rua Benjamin Constant, Barroso e Gonçalves Chaves) e que adotavam uma série de inovações e diferenciações em relação à arquitetura que se vinha fazendo até então: a exploração plástica dos jogos de telhado, dos volumes recortados e dos desníveis; a utilização de pequenas varandas ou alpendres cobertos; a construção de pequenas torres ou de volumes que sugerem torres; o emprego de materiais brutos e aparentes como o vigamento de madeira, a pedra, e o tijolo; a adoção de sacadas, terraços e “bow-windows”; e o emprego dos mais variados e exóticos estilos arquitetônicos que garantiam às construções um ar pitoresco (Schlee, 1993, p. 120).



Figura 5. Exemplo de *villa* identificada na zona de estudo, localizada na Rua Dr. Amarante (fonte: autoras).

A popularização desse tipo edilício deu origem a uma versão acessível dessas edificações, as chamadas casas de catálogo (Figura 6). De acordo com Costa e Gimmler Netto (2015), com base na análise da Escola Italiana de Morfologia Urbana, essa simplificação pode ser considerada uma diversificação do processo tipológico. Essas residências surgiram em período correlato as *villas* e com a mesma conformação tipológica: utilizando um ou dois recuos laterais e recuos frontais e de fundos, em suma, preferencialmente isoladas no lote. Em

relação às *villas*, as casas de catálogo se diferenciam pelo menor porte.



Figura 6. Exemplo de casa de catálogo, identificada na zona de estudo, localizada na Rua Santa Cruz (fonte: autoras).

Outros detalhes semelhantes como o jogo de telhados aparentes, a marcação das entradas e até pequenas *bow-windows* também foram percebidos. O nome se dá em função da semelhança desses exemplares com catálogos construtivos (Figura 7) que circulavam na época (Pereira, 2020).

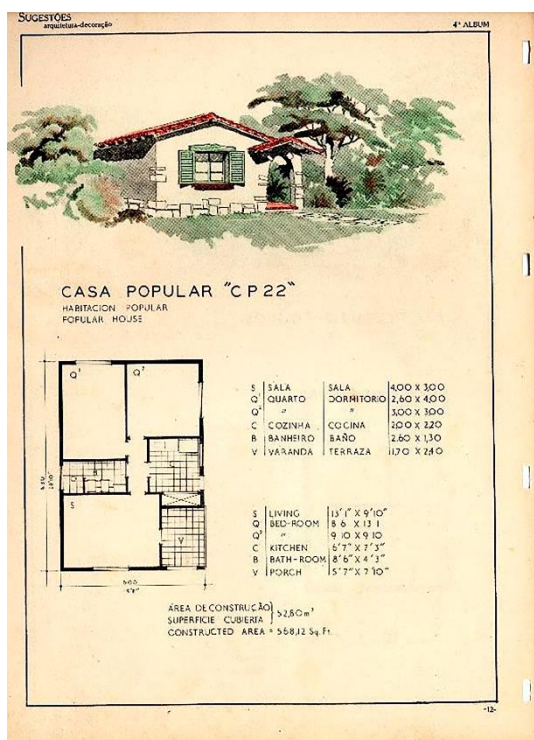


Figura 7. Tipologia representada em um catálogo de edificações que circulava na primeira metade do século XX no Rio Grande do Sul (fonte: Sugestões, s.d., p.12. Acervo de João Marcelo Appel Müller).

As edificações conformadas por essa tipologia edilícia (*villas* e casas de catálogo) foram as primeiras, na zona urbana da cidade, a utilizar recuos frontais e laterais intencionalmente. Seus remanescentes ainda hoje são identificáveis na paisagem urbana.

Com base nas reflexões até aqui apontadas, é possível refletir sobre o impacto da inserção dessas edificações na malha urbana. Sob esse aspecto, cabe destacar a afirmação de Aragão (2006) de que “o estudo dos tipos abre caminhos para leituras e descobertas das estruturas sociais, dos antagonismos e características inerentes à sociedade, da estrutura urbana e da paisagem, sendo, portanto, campo de conhecimento” (Aragão, 2006, p.41).

Metodologia

A identificação das *villas* e casas de catálogo na malha urbana foi realizada através de um inventário de varredura ou de conhecimento (IPHAN, 2020), visto que se trata de uma tipologia pouco estudada no município em questão. Alguns exemplares foram objeto de estudo na disciplina Projeto de Arquitetura VI (anteriormente denominada de Técnicas Retrospectivas - Projeto de Arquitetura e Urbanismo) e, em função disso, foram documentados, registrados através de levantamentos fotográfico e métrico-arquitetônico e subsidiaram reflexões no campo da preservação patrimonial (Tomaz, Silveira, 2019). Esses estudos integram o acervo do NEAB, da FAUrb/UFPel. Alguns edifícios fazem parte da lista de imóveis inventariados pela Prefeitura Municipal de Pelotas, mas observa-se que são um número pouco expressivo e que não contemplam exemplares significativos dessa tipologia.

O inventário de varredura foi realizado de maneira remota, devido ao isolamento social imposto pela pandemia de Covid-19.

Inicialmente, o planejamento era percorrer presencialmente as ruas da cidade em busca de exemplares dessa tipologia. No entanto, com a impossibilidade dessa prática usualmente empregada nesses estudos, o percurso tornou-se virtual. A ferramenta utilizada para a identificação das obras foi o *Google Maps*, através do recurso do *Street View*. Desse modo, foi possível dar continuidade a pesquisa e ter o apoio de mais uma ferramenta, que contribuiu além do previsto inicialmente para os resultados do estudo.

Através do *Street View*, a área de estudo foi percorrida e foram identificados vários exemplares de interesse. Quando selecionados, esses eram registrados através de capturas de tela. Os dados de identificação de cada exemplar, como endereço e cadastro de quarteirão (CQ), foram catalogados para posterior registro e pesquisa sobre o imóvel. No entanto, o que não se imaginava era que seria possível descobrir outras informações das edificações através desse instrumento virtual. O *Street View* possui uma aba de registros, semelhante a uma biblioteca de documentos, com imagens anteriores do mesmo local. A cidade de Pelotas possui registros do *Google* de 2011 e 2019, o que possibilitou o acesso à imagens desse recorte temporal. Algumas ruas possuem ainda registros de temporalidades intermediárias.

Essa ferramenta contribuiu para a identificação dos imóveis estudados e de alterações que foram realizadas no decorrer do tempo. Observou-se que muitas obras vem sistematicamente passando por substituições e/ou demolições, que repercutem na descaracterização de ambiências significativas que compõem a paisagem urbana da cidade (Figuras 8 e 9).



Figura 8. Exemplo de substituição por edificação em altura, identificada na zona de estudo. O conjunto de casas de catálogo conformava toda a face do quarteirão da rua Gen. Argolo e parte da rua Santa Cruz. Remanescente do conjunto localizado na Rua Gen. Argolo esquina Rua Gonçalves Chaves (fonte: autoras).



Figura 9. Vista da esquina da Rua Sta. Cruz, que torna evidente o quanto essa substituição alterou a paisagem e dificultou a leitura das edificações como um grupo (fonte: autoras).

A partir do trabalho de reconhecimento dos remanescentes tipológicos na zona de estudo, foi possível estabelecer algumas categorias de análise, que foram sistematizadas em uma planilha. As categorias estabelecidas para a leitura das edificações foram: dimensões do lote (registrada em metros), número de pavimentos e conformação de conjunto, que buscava identificar se o exemplar era único, se formava um conjunto de casas geminadas ou um conjunto de construções semelhantes implantadas lado a lado por duas, três ou mais vezes.

Também foi identificada a presença ou ausência de edícula e a implantação em relação ao lote, que buscou analisar se a edificação ocupava ou não algum dos recuos. A presença ou ausência de recuo frontal também foi analisada, além da classificação da rua (principal ou secundária) e da implantação em relação ao quarteirão (observando se o lote encontrava-se na esquina ou no meio de quadra). Por fim, o quesito da proteção legal foi tratado através da identificação na lista de imóveis inventariados do município.

As categorias de análise foram essenciais para entender como essa tipologia implantou-se no sítio de estudo. Essa compreensão fundamenta-se no pressuposto de que “se por um lado, os tipos determinam a forma urbana, por outro lado, a forma urbana os condiciona” (Aragão, 2006, p. 41). As aproximações para a leitura dessas relações serão apresentadas a seguir.

Análise tipo-morfológica

As categorias de análise foram estruturadas e apresentadas através de gráficos, elaborados a partir dos dados coletados no Sítio do Primeiro Loteamento.

Foram identificados 40 exemplares de interesse no perímetro definido. Inicialmente, observa-se que existe uma quantidade superior de edificações de dois pavimentos em relação às edificações térreas (Figura 10), bem como a predominância dos exemplares únicos, embora ainda existam alguns conjuntos e um número menos expressivo de edificações geminadas (Figura. 11).

QUANTO AO NÚMERO DE PAVIMENTOS

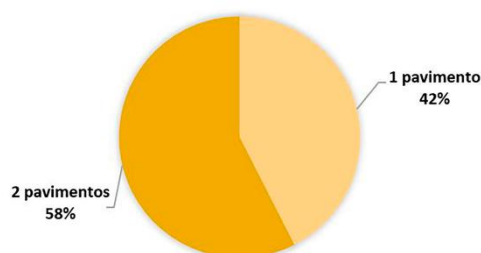


Figura 10. Gráfico de exemplares de interesse quanto ao número de pavimentos (fonte: elaborado pelas autoras).

QUANTO À CONFORMAÇÃO DE CONJUNTO

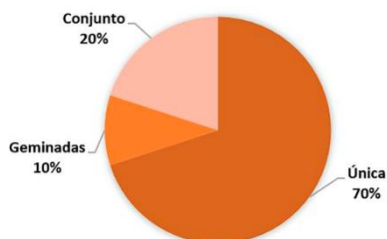


Figura 11. Gráfico de exemplares de interesse quanto à sua conformação (fonte: elaborado pelas autoras).

Observou-se que a solução projetual de implantação dessas edificações em dois pavimentos é recorrente na área de estudo. Essa decisão pode estar relacionada ao tamanho dos lotes, já que se trata da região mais antiga da cidade (e com lotes mais estreitos). Essa suposição pauta-se na análise da dimensão da testada dos lotes, que indica que um número maior de exemplares localiza-se em lotes de testada pequena ou média, ou seja, com até 13,20 m de largura.

Outra estratégia projetual identificada foi a construção de residências geminadas, solução

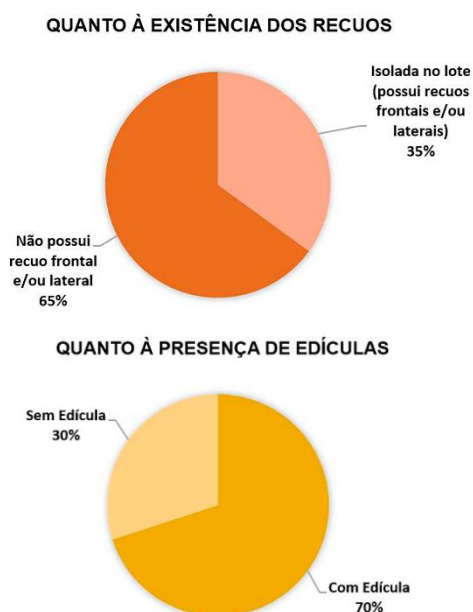
em que a edificação parece estar isolada no lote, mas se for observada mais detalhadamente percebe-se que são duas unidades com recuos laterais (Figura 12).



Figura 12. Exemplar de edificações geminadas, localizado na Rua Gonçalves Chaves (fonte: autoras).

Sobre a relação da edificação com o lote, percebe-se pelos dados coletados que a característica da casa isolada no lote não foi predominante. No primeiro gráfico (Figura 13) observa-se a porcentagem de exemplares isolados no lote, utilizando os recuos laterais e o recuo frontal. Entretanto, nesse trecho da cidade devido a conformação dos lotes estreitos, observou-se que muitos exemplares, apesar de adotarem essa tipologia, ocupavam algum dos recuos laterais. Isso se deve à presença predominante de lotes de testada médias, quesito analisado na sequência. Um outro fator que interferiu nessa situação foi o surgimento de edículas, que muitas vezes ocupam um dos recuos (Figura 14).

Já sobre a utilização do recuo frontal, foi identificado que esse é massivamente utilizado. Observou-se em apenas um exemplar a sua ocupação, que representa o percentual de 3% da amostra do gráfico (Figura 15). Esse gráfico focou na análise de ocupação do recuo frontal, já que a ausência desta ocupação é uma das características que mais fortemente identificam a tipologia na zona de estudo.



Figuras 13 e 14. Gráficos quanto aos recuos laterais e às edículas encontradas nos lotes dos exemplares de interesse (fonte: elaborado pelas autoras).

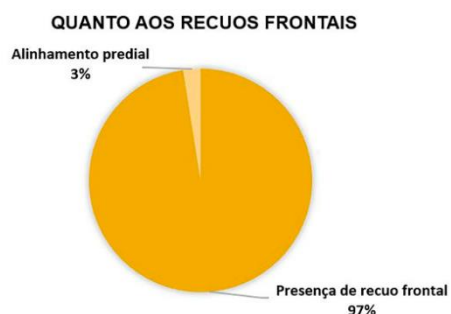


Figura 15. Gráfico quanto aos recuos frontais dos exemplares de interesse (fonte: elaborado pelas autoras).

Em relação à classificação das ruas em que os edifícios estão implantados, um número representativo de exemplares foi edificado nas ruas principais (Figura 16). Esse resultado já era esperado em função da ocupação inicial da cidade, que priorizou a inserção das edificações nessas vias, promovendo posteriormente a ocupação das travessas, em muitos casos, a partir do desmembramento dos lotes localizados nas esquinas (Figura 17). No entanto, em relação

à localização do lote na quadra, grande parte dos lotes situam-se em meio de quadra e não em esquinas, como imaginado inicialmente (Figura 17). Essa ocupação das esquinas torna-se mais evidente nas bordas da área de estudo.



Figura 16 e 17. Gráficos quanto às ruas e lotes de implantação dos exemplares de interesse (fonte: elaborado pelas autoras).

A leitura morfológica do lote foi realizada a partir de suas características principais, ou seja, suas dimensões (testada e profundidade). Essas análises foram embasadas nos padrões estabelecidos por Oliveira (2012), que realizou um levantamento do centro histórico da cidade de Pelotas. A partir desses parâmetros, foi possível perceber que a maioria dos lotes de interesse possui testadas de tamanho médio, que variam de 6,60m a 13,20m. Essas dimensões não são exatas pois têm relação com as unidades de medida empregadas na época do parcelamento inicial dessa região, que usava como referência o palmo, que equivale a aproximadamente 22cm (Figura 18).

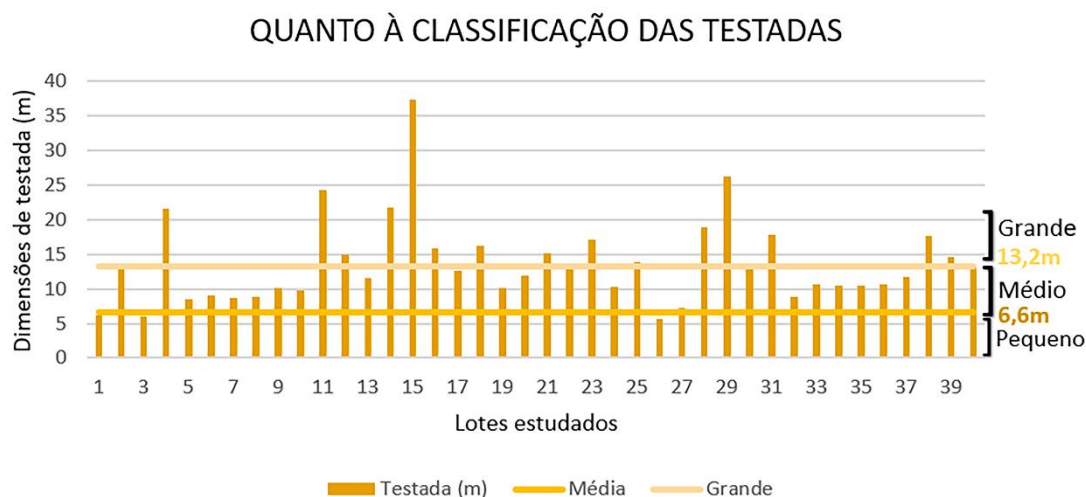


Figura 18. Gráfico das testadas dos lotes estudados com base nos parâmetros de Oliveira (2012) (fonte: elaborado pelas autoras).

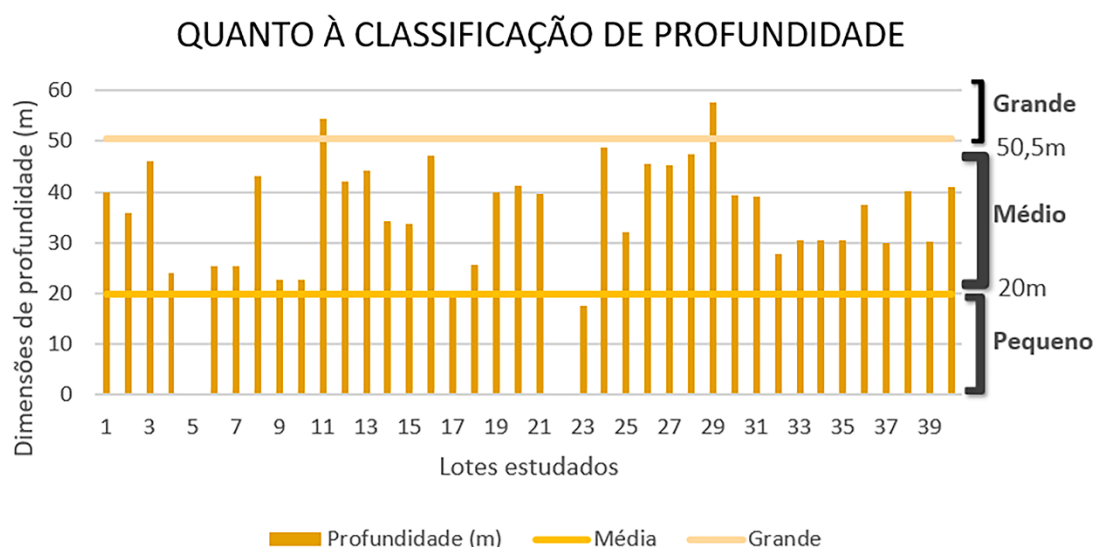


Figura 19. Gráfico das profundidades dos lotes estudados com base nos parâmetros de Oliveira (2012) (fonte: elaborado pelas autoras).

A análise das profundidades (Figura 19) foi realizada da mesma forma, e o cruzamento dos parâmetros revela novamente uma predominância dos lotes de profundidade de tamanho médio, entre 20m e 50,5m.

Sobre a existência de instrumentos de salvaguarda para os bens de interesse localizados nessa área, foi efetuada uma consulta junto à documentação disponibilizada pela Secretaria de Cultura do município (SeCult) acerca da vigência de proteção legal através de tombamento e/ou de inventário municipal. Nenhum imóvel identificado pela pesquisa encontra-se tombado em âmbito municipal, estadual ou federal. Sobre os imóveis inventariados no âmbito municipal através da Lei nº

4568/2000 concluiu-se, após esse levantamento, que uma parte considerável dos exemplares estudados não é contemplada com essa forma de proteção patrimonial (Figura 20).

Uma questão que merece atenção nesse item de análise é a semelhança entre os bens de interesse protegidos pelo instrumento legal e os que não possuem proteção. Essa inquietação pauta-se no questionamento sobre quais os critérios de seleção foram escolhidos para identificar os bens a serem salvaguardados, já que se observa obras muito semelhantes que não possuem o mesmo reconhecimento (Figuras 21 e 22).



Figura 20. Gráfico quanto aos imóveis inventariados (fonte: elaborado pelas autoras).



Figura 21. Exemplar estudado inventariado localizado na Av. Bento Gonçalves (fonte: autoras).



Figura 22. Exemplar estudado não inventariado, localizado na Rua Félix da Cunha (fonte: autoras).

Ao observar as imagens observa-se diversas semelhanças entre os exemplares, como

jogos de volumes, telhados aparentes, entradas bem demarcadas, janelas verticalizadas, muros ornamentados entre outras. No entanto, apenas a primeira possui proteção através de instrumento legal (Figura 21).

A partir da análise dos resultados levantados, foi possível observar uma correlação entre os exemplares protegidos, seu porte e sua localização. Na zona de estudo, as *villas* foram localizadas recorrentemente junto aos logradouros limítrofes do sítio. Assim como descrito por Schlee (1993), vários desses exemplares foram localizados junto à Rua Almirante Barroso e à Avenida Bento Gonçalves, respectivamente limites leste e norte do Primeiro Loteamento no final do século XIX. Possivelmente, a característica periférica dessas ruas viabilizou a consolidação de lotes de dimensões mais avantajadas, de forma que nessas localidades foram identificadas edificações de maior escala e imponência. Dentre os exemplares térreos, identificados como casas de catálogo, não foi possível encontrar nenhuma edificação salvaguardada por inventário.

Outra característica observada é a relação das edificações protegidas com a classificação da rua em que são implantadas. Todas as edificações salvaguardadas pelo inventário encontram-se nas ruas principais (Figura 16), sendo que três dos sete exemplares, identificados e protegidos estão localizados na Avenida Bento Gonçalves (Figura 21). Nas ruas secundárias nenhum dos exemplares de interesse apresentou proteção patrimonial.

Conclusões

A investigação apresentada identificou 40 edificações da tipologia estudada na área do Sítio do Primeiro Loteamento da cidade de Pelotas. A coleta de dados, realizada com o suporte de ferramentas virtuais, possibilitou a observação das relações entre tipologia e morfologia na área de estudo.

A partir dos estudos realizados até o momento, é possível afirmar que os primeiros exemplares a surgirem na cidade de Pelotas foram *villas* semelhantes aos casos relatados em São Paulo e Rio de Janeiro por Homem (1994) e Schettino (2012). Ou seja, residências edificadas em pequenas chácaras, casas de campo, ou grandes lotes às margens dos limites urbanos. A ocorrência de edificações com essas características na área

de estudo está intimamente vinculada às Ruas Gonçalves Chaves e Almirante Barroso, e à Avenida Bento Gonçalves. A referida avenida é representada em cartografias da época como limite norte da expansão urbana da cidade, local do Passeio Público. Possivelmente, o parcelamento tardio desses logradouros viabilizou a consolidação de lotes de maiores dimensões, conformando assim localizações atrativas para a implantação de *villas*.

As casas de catálogo tratam-se de exemplares da mesma tipologia arquitetônica, que passaram por variações sincrônicas, no entendimento de Costa e Gimmler Netto (2015). Nesse sentido, é possível interpretar que essas modificações se referem às variações citadas por essas autoras, nas quais o tipo básico é modificado para se adaptar às especificidades da malha urbana em que se implanta, nesse caso, o Sítio do Primeiro Loteamento.

A relação tipo-morfológica apontou que os bens de interesse localizados na área de estudo encontravam-se, principalmente, em terrenos com dimensões médias de testada e profundidade. Essa característica deve-se ao período de ocupação da área, em princípios do século XIX, que remete a um parcelamento que ainda traz ressonâncias do período luso-brasileiro, com lotes estreitos e compridos. A particularidade desses lotes dificulta a implantação de edificações isoladas no terreno, limitando o recuo a somente uma das laterais (Figuras 6, 12 e 22).

Dessa forma, as obras que se aproximam dos estudos de referência localizam-se principalmente nas bordas do sítio. Nos demais casos, a implantação ainda se mantém vinculada a uma das faces do lote, indicando

o quanto a malha urbana se relaciona com a tipologia arquitetônica. Uma das alternativas para manter a intenção compositiva do período foi a implantação de casas geminadas que, apesar de pertencerem a proprietários independentes, são percebidas como uma única construção (Figura 12).

Outra estratégia projetual para a implantação dessa tipologia em terrenos estreitos parece ser a proposição de edificações em dois pavimentos, que se destacam em relação às térreas e que, de certa forma, liberam uma parcela da ocupação do lote para inserção dos recuos através da sobreposição dos pavimentos.

A sistematização dos dados coletados possibilitou ainda inquietações em relação aos critérios para a seleção das edificações que possuem instrumentos legais de proteção. A ferramenta do *Google Street View* permitiu uma abordagem de investigação que não estava prevista inicialmente, já que possibilitou a identificação das descaracterizações e substituições das *villas* e casas de catálogo ao longo do tempo.

Através deste estudo, foi possível constatar que a tipologia estudada está presente não somente próxima aos limites urbanos (no período de sua consolidação), mas que esses exemplares também foram inseridos na malha urbana consolidada da cidade, a partir das adaptações apontadas anteriormente como estratégias de inserção. Assim como outras linguagens ou temporalidades que possuem bens salvaguardados (como o ecletismo e o luso-brasileiro), aponta-se a importância da realização de um estudo mais detalhado sobre essas obras, para que possam ser identificados exemplares significativos que possuem valor cultural e que merecem ser patrimonializados.

Agradecimentos

Agradecemos aos colegas integrantes do Projeto de Pesquisa Patrimônio Cultural na Região Sul do Rio Grande do Sul, séculos XIX e XX, pelas contribuições e discussões que repercutiram neste trabalho. Ao Núcleo de Estudos de Arquitetura Brasileira (NEAB) da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAUrb/UFPel) pela disponibilização de documentação sobre as obras estudadas. À Secretaria de Cultura de

Pelotas (SECULT), por informações sobre as edificações da AEIAC/ZPPC. Ao Nathan Santana e à Patricia Santana, pela revisão. Ao Programa de Educação Tutorial - Arquitetura e Urbanismo (PET-AU) e ao professor tutor André de Oliveira Torres Carrasco, pela revisão textual. Por fim, cabe dizer que o presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Referências

- Aires, A. (2018) *A cidade cemiterial: Cemitério da Santa Casa de Misericórdia de Pelotas (1855-1976)*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pelotas, Brasil.
- Alves, I., Paula, V., Silveira, A. e Oliveira, A. (2014) O NEAB e a preservação patrimonial: três décadas de cadastramento e registro do patrimônio das cidades do distrito geoeeducacional da UFPel. Em: II Seminário História e Patrimônio, 2014. *Anais eletrônicos do II Seminário de História e Patrimônio. Diálogos e perspectivas, 2014, Rio Grande, Brasil*. Rio Grande, FURG, 575-584.
- Aragão, S. (2006) O estudo dos tipos-interfaces entre tipologia e morfologia urbana e contribuições para o entendimento da paisagem. *Geosul*, 42, 29-43.
- Aragão, S. (2008) A casa, o jardim e a rua no Brasil do século XIX. *Em tempo de histórias - Publicação do Programa de Pós-graduação em História PPG-HIS/UNB*, n.12, 151-162.
- Costa, S. de A. P.; Gimmler Netto, M. M. (2015) *Fundamentos de Morfologia Urbana*. Belo Horizonte, C/Arte.
- Cruz, G. P. (1992) Pelotas, espaço construído no início da República. Em: Weimer, G. *Urbanismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, Editora Universidade UFRGS, 109-134.
- Freyre, G. (2003) *Sobrados e Mucambos*. 14^a ed. revista. São Paulo, Global.
- Gutierrez, E. J. B. (2001) *Negros, charqueadas e olarias: um estudo sobre o espaço pelotense*. 2^a ed. Pelotas, Editora Universitária UFPEL.
- Homem, M. C. N. (1993) Mudanças Espaciais na Casa Republicana - A Higiene Pública e Outras Novidades. *Revista do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU/USP*, 3, 5-18.
- IPHAN. (2018) *Política do Patrimônio Cultural Material*. Brasília, IPHAN. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1837>[Consultado em: 17 ago. 2020].
- Jantzen, S. A. D. et al. (2010) Architectural Patrimony in Urban Areas: Methodology and Case Studies of the South of Rio Grande do Sul, Brazil. Em: *17th Conference International Seminar on Urban Form - ISUF, 2010, Hamburgo and Lübeck. Full Paper CD*. Hamburgo: University of Hamburg, 2010.
- Lamas, J. M. R. Garcia. (1992) *Morfologia urbana e desenho da cidade*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbekian.
- Magalhães, M. O. (1993) *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*. Pelotas, Editora Universitária UFPel.
- Magalhães, M.O. (2000) *Pelotas: toda prosa - 1º volume (1809 - 1871)*. Pelotas, Editora Armazém Literário.
- Moura, R. M. G. R.; Schlee, A. R. (1998) *100 Imagens da Arquitetura Pelotense*. Pelotas, Palloti.
- Oliveira, A. L. C. (2012) *O portal meridional do Brasil: Rio Grande, São José do Norte e Pelotas no período colonial (1737-1822)*. Tese de doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. 350. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/55510>. [Consultado em: 17 ago. 2020].
- Oliveira, A. L. C; Jantzen, S. A. D; Silveira, A. M. (2013) A ação do NEAB/FAUrb na preservação dos centros históricos da região sul do estado do Rio Grande do Sul. Em: Michelin, F.F. *Patrimônio Cultural Edificado da Universidade Federal de Pelotas: primeiro estudo*. 1^a ed. Pelotas, Editora Universitária UFPel, 27-29.
- Oliveira, A. L. C; SEIBT, M. B. (2005) *Programa de Revitalização Integrada de Jaguarão*. Pelotas, Editora Universitária UFPel.
- Pelotas. (2008) *Plano Diretor Municipal de Pelotas*. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/plano-diretor-pelotas-rs>. [Consultado em: 20 ago. 2020].
- Pereira, F. F. (2020) *A arquitetura Feminina: Os ambientes femininos residenciais nas Villas e Casas de Catálogo em Pelotas-RS, nas primeiras décadas do século XX*. Dossiê

de qualificação - Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pelotas, Brasil. 214.

Pereira, R. B. (2008) *Arquitetura, imitação e tipo em Quatremère de Quincy*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, Brasil.

Reis Filho, N. G. (2000) *Quadro da Arquitetura no Brasil*. 9ª ed. São Paulo, Editora Perspectiva.

Rossi, A. (1999) *A arquitetura da cidade*. São Paulo, Martins Fontes.

Schettino, P. T. J. (2012) *A mulher e a casa: Estudo sobre a relação entre as transformações da arquitetura residencial e a evolução do papel feminino na sociedade carioca no final do século XIX e início do século XX*. Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil. 323.

Schlee, A. R. (1993) *O ecletismo na arquitetura pelotense até as décadas de 30 e 40*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil. 222.

Soares, P. R. R. (2000) Modernidade urbana e dominação da natureza: o saneamento de Pelotas na primeiras décadas do século XX. *História em revista - Revista do Núcleo de Documentação Histórica*, n.14, 184-201.

Sugestões (s.d.). *Arquitetura Decoração*. Informações técnicas. Álbum 4. Brasil: s.l.

Tomaz, L. K; Silveira, A. M. (2019) O ensino de intervenção no patrimônio edificado: experiências brasileira e italiana. Em: 3º Simpósio Científico do ICOMOS Brasil, 2019. *Anais 3º Simpósio Científico do ICOMOS Brasil, 2019, Belo Horizonte, Brasil*. Belo Horizonte, UFMG. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/iisimposioicomosbrasil/149196-o-ensino-de-intervencao-no-patrimonio-edificado--experiencias-brasileira-e-italiana/>. [Consultado em: 04 nov. 2020].

Yunes, G. (1995) *Cidades Reticuladas: a persistência do modelo na formação urbana do Rio Grande do Sul*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, Brasil.

Tradução do título, resumo e palavras-chave

Villas and Catalog Houses in The First Allotment site of Pelotas/RS: relations between architectural typology and urban morphology

Abstract. *The arrival of the 20th century brought significant advances on urban infrastructure, which had repercussion on the way of inhabiting the city and the residence, consequently. The salutary demands of the new century boosted the conformation of a new architectonic typology: Villas and Catalog Houses. These residences seek the characteristic of large lots for their implantation due to their nature of crucial ventilation and natural lighting. This paper analyzes how this new type of edifice was implemented in the oldest region of Pelotas RS. The First Allotment site is characterized by narrow and long lots. The proposed investigation intends to understand how this architecture has been inserted in the oldest urban mesh of the city and it establishes relations between the edifice typology and the urban morphology. The analysis of the results has been made based on the collected data through a scanning inventory which allowed the understanding of the characteristics from the studied site and buildings.*

Keywords. *urban morphology, architectural typology, villas, catalog houses, Pelotas/RS.*

Editor responsável pela submissão: Renato Saboya.

Licenciado sob uma licença Creative Commons.

